

Oliver Cann, Diretor Associado, Mídia, Tel.: +41 (0)79 799 3405 [oliver.cann@weforum.org](mailto:oliver.cann@weforum.org)

## Na América Latina, a desigualdade de gênero diminuiu

- Segundo o *Relatório Global sobre Desigualdade de gênero 2013*, a porcentagem de redução atingiu 70% nos países da América Latina e do Caribe, tendo a região registrado a maior melhoria global no ano.
- A Nicarágua, no décimo lugar do ranking global, é a campeã da região. O México alcança o 68º lugar, subindo 16 posições. O Brasil permanece na 62ª posição.
- A Islândia é o país onde o índice de desigualdade de gênero é o menor, seguida pela Finlândia, Noruega e Suécia.
- Faça o download do [relatório completo](#) que abrange 136 países, e apresenta rankings, [vídeos](#) e [infográficos](#)

**Genebra, Suíça, 25 de outubro de 2013** – Na América Latina e no Caribe, a desigualdade de gênero diminuiu 70% em 2013, mais do que em qualquer outra região. Segundo o *Relatório Global sobre Desigualdade de Gênero 2013*, publicado hoje, esse progresso resulta de uma maior igualdade econômica e participação política diminuiu.

A oitava edição anual do relatório classifica 136 países em função de suas capacidades em reduzir a desigualdade de gênero em quatro áreas chave: saúde e sobrevivência, acesso à educação, participação política e igualdade econômica. A Nicarágua segue sendo o país mais avançado da região em termos de igualdade entre homens e mulheres, como demonstra a sua 10ª posição no ranking global. Já no pilar da participação política, ocupa a 5ª posição globalmente.

Cuba, o país com a porcentagem mais elevada de representação feminina no parlamento, galgou quatro posições este ano, chegando ao 15º lugar. O México sobe 16 posições e alcança o 68º lugar, enquanto o Brasil permanece na 62ª posição. Nicarágua, Bolívia e Equador são os países que mais progrediram dentre os contemplados no Relatório desde 2006.

Pelo quinto ano consecutivo, o Relatório classifica a Islândia como o país mais igualitário, em matéria de gênero, do mundo. Junto com a Finlândia (2ª), a Noruega (3ª) e a Suécia (4ª), a Islândia reduziu as desigualdades em mais de 80%. A Alemanha, com o 14º lugar, é o líder entre as economias do G20, embora tenha recuado uma posição em relação a 2012. Entre os BRICS, a África do Sul é a melhor colocada, no 17º lugar.

LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN			
Top 10	2013	2012	
Nicaragua	10	9	↓
Cuba	15	19	↑
Ecuador	25	33	↑
Bolívia	27	30	↑
Barbados	29	27	↓
Costa Rica	31	29	↓
Argentina	34	32	↓
Colômbia	35	63	↑
Trinidad and Tobago	36	43	↑
Panama	37	40	↑

Em termos globais, o Relatório constata que, em 2013, a diminuição da desigualdade de gênero no quesito saúde e sobrevivência alcançou um patamar de 96%. É o único dos quatro pilares que se expandiu desde a elaboração da primeira edição do Relatório em 2006. No setor da educação, as desigualdades de gênero globais situam-se em 93%, tendo desaparecido totalmente em 25 países. Em termos de igualdade econômica e de participação política, cerca de 60% e 21% apenas, respectivamente, das lacunas forma fechadas, embora tenha havido progressos nestas áreas, tal como a redução de 2% na desigualdade na participação política. Tanto nos países emergentes como em desenvolvidos há poucas mulheres ocupando cargos de líderes econômicos, face ao número de mulheres no ensino superior e no mercado de trabalho em geral.

### Análise regional

A redução da desigualdade de gênero na **Europa** apresenta uma polarização, com um grande contraste entre a Europa ocidental e do Norte, por um lado, e a Europa do Sul e oriental, por outro lado. A Espanha ocupa a 30ª posição, com 72% das suas desigualdades eliminadas: França vem em 45º lugar (70% eliminadas) e Itália em 71º.

As Filipinas são o primeiro colocado da **Ásia**, graças sobretudo aos bons resultados obtidos nos pilares de saúde, educação e participação econômica. A China mantém a posição do ano passado. A Índia segue sendo a última das economias dos BRICS, mesmo tendo subido quatro posições. O Japão (105º) perde quatro lugares apesar das melhorias registradas na pontuação do subíndice de participação e oportunidades econômicas. Próxima ao Japão, vem a Coreia do Sul (111º).

**Oriente Médio e África do Norte** é a única região que não melhorou seu posicionamento global em 2013. Os Emirados Árabes Unidos (109º) são o país árabe melhor colocado da região, por ter avançado em matéria de igualdade na educação. Mesmo assim, a maioria dos países da região, como o Bareine (112º), o Qatar (115º) e outros, continua sem capitalizar os investimentos na educação com uma maior contribuição feminina na economia e na política.

Vários países na **África** saem-se relativamente bem no Relatório deste ano, como o Lesoto (16º), a África do Sul (17º), o Burundi (22º) e Moçambique (26º), todos classificados entre os 30 primeiros, por conta, sobretudo, da major presença das mulheres no mercado de trabalho. As mulheres que exercem uma atividade econômica têm um maior acesso à renda e ao poder de decisão econômica, embora estejam mais presentes nos setores da economia que empregam uma mão de obra pouco qualificada e pouco remunerada.

O índice identifica quatro grandes grupos. O primeiro abrange os países cujos investimentos na saúde e na educação femininas estão dando frutos na forma de uma major participação econômica e política. No segundo grupo, estão os países que estão investindo nestas áreas mas não aproveitam esta reserva adicional de talento por causa das barreiras sociais e institucionais ainda existentes. O terceiro grupo inclui os países onde desigualdades significativas na educação e na saúde não permitem a realização plena do potencial das mulheres, embora as mesmas desempenhem um papel importante na força de trabalho, geralmente em empregos que requerem pouca qualificação. O último grupo reúne os países com importantes desigualdades em educação, economia e política.

“É imprescindível que os países comecem a desenvolver uma visão diferente do capital humano – inclusive na maneira como impulsionam as mulheres para os postos de líderes. Esta revolução mental e prática não é uma meta para o futuro, é um imperativo para hoje”, declara Klaus Schwab, Fundador e Presidente Executivo do Fórum Econômico Mundial.

“Dentro dos países e entre os países, há dois rumos distintos levando à igualdade econômica de gênero, sendo a educação o acelerador. Nos países que fazem esse investimento fundamental, a integração das mulheres na força de trabalho será a próxima revolução. Para aqueles que não investiram na educação das mulheres, a supressão deste obstáculo é indispensável tanto para a vida das mulheres como para a pujança das economias”, declara Saadia Zahidi, Chefe do Programa de Mulheres Líderes e Paridade de Gênero e coautora do Relatório.

#### **Notas aos Editores**

O índice do *Relatório Global sobre Desigualdade de Gênero* avalia em 136 países, representando mais de 93% da população mundial, a qualidade da repartição dos recursos e das oportunidades entre os homens e as mulheres. O Relatório mensura a desigualdade de gênero em quatro áreas:

- **Participação econômica e oportunidades** – salários, participação e empregos de alta qualificação
- **Educação** – acesso ao ensino de base e superior
- **Emancipação política** – representação em estruturas de tomada de decisões
- **Saúde e sobrevivência** – expectativa de vida e proporção entre sexos

As pontuações do índice podem ser interpretadas como a porcentagem de redução da desigualdade entre mulheres e homens. Destes países, 110 são acompanhados desde a primeira edição do relatório em 2006. Treze das 14 variáveis usadas para produzir o índice provêm de indicadores de dados substanciados, disponibilizados ao público por organizações internacionais como a Organização Internacional do Trabalho, o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas e a Organização Mundial da Saúde.

A amplitude e as características das desigualdades entre os sexos no mundo resultam da combinação de diferentes variáveis socioeconômicas e culturais. O encerramento ou a permanência dessas lacunas depende intrinsecamente do quadro de políticas nacionais em vigor. Pelo terceiro ano consecutivo, o Relatório inclui dados novos procedentes de uma pesquisa realizada junto a vários ministérios nacionais analisando a execução de políticas destinadas a facilitar a participação das mulheres no mercado de trabalho em 87 países.

Aetna, Bank of America, Burda Media, the Coca-Cola Company, EY, Heidrick & Struggles, Jones Lang LaSalle, ManpowerGroup, McKinsey & Company, NYSE Euronext, the Olayan Group, Omnicom Group, Renault-Nissan Alliance e Takeda Pharmaceutical são Parceiros Comunitários do [Programa de Mulheres Líderes e de Paridade de Gêneros](#) do Fórum Econômico Mundial.

Leia o Relatório Global sobre Desigualdade de Gênero : <http://wef.ch/gggr13full>

Leia em PDF: <http://wef.ch/gggr13pdf>

Veja em vídeo as entrevistas sobre o Relatório: <http://wef.ch/gggr13video>

Use o nosso heatmap interativo: <http://wef.ch/gggr13map>

Siga o Fórum no **Twitter**: <http://wef.ch/twitter>

Curta o Fórum no **Facebook**: <http://wef.ch/facebook>

Leia o **blog do Fórum**: <http://wef.ch/blog>

Assine os **Comunicados à Imprensa** do Fórum: <http://wef.ch/news>

---

O World Economic Forum é uma organização internacional independente empenhada na melhoria da situação mundial, por meio do envolvimento de agentes empresariais, políticos, acadêmicos e outros líderes da sociedade na formação das agendas global, regional e da indústria.

Constituída como fundação sem fins lucrativos em 1971, com sede em Genebra, na Suíça, o Fórum não está ligado a nenhum interesse político, partidário ou nacional ([www.weforum.org](http://www.weforum.org)).



World Economic Forum, 91-93 route de la Capite, CH-1223 Cologny/Geneva  
Tel. +41 (0)22 869 1212, Fax +41 (0)22 786 2744, <http://www.weforum.org>

Se não desejar mais receber os comunicados à imprensa do Fórum Econômico Mundial, clique [aqui](#).